Anais do II Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina
ISBN: 978-85-7205-159-0

Erico Veríssimo e Vianna Moog: olhares sobre o México, sua história e sua cultura.

Paola Lili Lucena
Mestre em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora.
Professora da Rede Estadual de Minas Gerais
p.lilly.l@hotmail.com

Resumo: Erico Verissimo e Clodomir Vianna Moog evidenciaram particular interesse pela cultura e história mexicanas. Vianna Moog escreveu o Romance *Tóia* (1962),inspirado em suas impressões a respeito do silêncio e da tristeza do mexicano e postulou sobre necessidade de decifrar os enigmas que compõem o caráter desse povo. Esses também foram elementos presentes no relato que Veríssimo produziu sobre o país. *México: a história de uma viagem* abordou aspectos relativos à cultura, ao comportamento social, à religião e história daquele país. Nesse sentido, esse artigo sinaliza para as representações sobre história e cultura mexicanas, apresentadas por essas obras em seu diálogo com o ensaio de Otávio Paz, O *Labirinto da Solidão*.

Abstract: Erico Verissimo and Clodomir Vianna Moog showed particular interest in Mexican culture and history. Vianna Moog wrote the Novel Tóia (1962), based on his impressions concerning mexican's silence and sadness, and postulated about the need to decipher the puzzles that make-up the character of this people. These elements were also present in a report that Verissimo produced about the country. "Mexico: a história de uma viagem" adressed aspects of culture, social behavior, religion and history of that country. In this sense, this article indicates the representations about Mexican history and culture, presented by these works in their dialogue with the essay of Otávio Paz, "O Labitirinto da Solidão"

Palavras- chave: México, cultura, história, Vianna Moog, Érico Verissimo

Key-worlds: Mexico, culture, history, Vianna Moog, Érico Verissimo

Introdução

Os escritores gaúchos Verissimo e Vianna Moog pertenceram à geração de intelectuais 1930-1954 que possuía a proposta de compreender o Brasil. (CARVALHO, 2007, p.19). Na busca pelo entendimento da formação cultural brasileira, ambos se depararam com possibilidade de estabelecer paralelos entre Brasil e outros países da América. Esse artigo aborda, especificamente, as contribuições que eles ofereceram para a compreensão do México, país latino-americano singular, cuja desordem e outros aspectos culturais fizeram Veríssimo se lembrar do Brasil.

A análise a respeito do olhar que esses escritores construíram sobre o México está embasada na leitura de *Tóia*, romance publicado em 1962, por Vianna Moog e de *México: história duma viagem*, relato

ISBN: 978-85-7205-159-0

de viagem de Erico Verissimo, publicado em 1957. As duas obras são contemporâneas e os dois escritores amigos. Ao visitar o México em 1953, Érico encontrou Vianna Moog, com quem compartilhou passeios, viagens e dedicou momentos de discussões e discordâncias sobre cultura, artes, vida política e social do país (CRESPO, 2014, p.683).

> Vianna Moog, que acaba de chegar, está agora aqui a minha frente no saguão de Geneve. Após mais de um ano de permanência nesta estimulante metrópole, está grávido de teorias sobre o México. Discutimos até a possibilidade de escrever a quatro mãos um livro sobre esse país. Ele ficaria com as ideias e eu com as imagens. A mim caberia descrever as pessoas, animais e coisas. Ele interpretá-los. Ficamos a imaginar o resultado desse Conúbio.
>
> _ Provavelmente um monstrengo_ diz o ensaísta.
>
> _ *Quien sabe!* (VERISIMO, 1978, p.74)

O projeto de um livro em comum não se desenvolveu, pois cada um optou por uma forma literária para abordar suas impressões sobre o México. Moog publicou um livro/tese, no qual seu protagonista esboçou um ensaio sobre o caráter mexicano. Érico Verissimo produziu um relato de viagem para conferir aos seus leitores o acesso ao seu imaginário sobre a terra e a cultura mexicana. (BAGGIO, 2006, p. 80)

Ambos os livros são fruto do estudo realizado por seus autores a respeito da história e das manifestações culturais mexicanas. Verissimo esclarece ao leitor quais foram as leituras que realizou para respaldar seu relato.[1]Dentre as variadas referências utilizadas pelos dois escritores, o ensaio *O Labirinto da Solidão*, de Otávio Paz, foi escolhido como o ponto de intercessão para discutir as impressões sobre o ser mexicano presentes em *México: História duma Viagem* e *Tóia*. Para entender a interação entre esses textos, mobiliza-se o conceito de intertextualidade, pois é preciso perceber cada texto como uma ação coletiva, que assimila elementos presentes nos outros textos com os quais dialoga (CARVALHAL, 2003). Nesse sentido, verifica-se que tanto Paz quanto Moog se apropriaram de algumas considerações de Otávio Paz para construir suas representações sobre o ser mexicano, sua cultura e sua história.

O México de Érico Verissimo em México: História duma Viagem

Érico Verissimo nasceu em 1905, no município de Cruz Alta Rio Grande do sul. Trabalhou na editora Globo e se tornou jornalista. Na década de 1930 ganhou reconhecimento como escritor. Em 1953

[1]Érico Verissimo consultou obras de intelectuais importantes no campo da historiografia e da filosofia mexicanas, como Justo Sierra, Leopoldo Zea, José Vasconcelos, Daniel Cosío Villegas, Alfonso Reyes, Bernal Díaz del Castillo, Francisco J. Clavijero. Também acolheu as considerações dos escritores britânicos Aldous Huxley e D. H. Lawrence. Vianna Moog não se preocupou me revelar fontes bibliográficas. No entanto, ao longo de seu texto, ele citou nomes como os de Bernal Diaz, Sahagun, Alfonso Reyes, José Vasconcelos, Mariano Azuela, John Reed, Martin Luis Guzmán, Otávio Paz, Silvio Zavalla, Leopoldo Zea.

ISBN: 978-85-7205-159-0

assumiu a direção do Departamento de Assuntos Culturais da OEA, que o fez permanecer por três anos na cidade de Washington.

Nessa oportunidade, pode aprofundar seus conhecimentos sobre a sociedade americana.[2] No início do livro *México*, o escritor deixou transparecer algumas de suas opiniões sobre o modo de organização e a mentalidade do norteamericana, fazendo uma contraposição com os costumes e hábitos próprios dos latino- americanos. Enquanto os primeiros viviam em um mundo lógico e ordenado, os últimos conviviam em um mundo mágico, onde o relógio era apenas uma peça decorativa.(VERISSIMO, 1978, p.13)

O modo de vida americano acabara por cansá-lo. Assim, movido pela necessidade de quebrar a lógica americana com a magia latina, em 1953, Érico Verissimo parte em viagem com a sua esposa Mafalda, rumo ao México. Ali esperava deparar-se com uma realidade diferente daquela que o cercava e reencontrar-se consigo mesmo para voltar a ter inspiração para escrever e sentir as sensações já conhecidas: se reencontrar com o Brasil.

Após o término da viagem, foi tomado pela necessidade de escrever sobre o que viu, ouviu, leu e sentiu no México. Ele atuou como um narrador/viajante e um turista cultural em sua viagem pelo território mexicano, pois apreciou descobrir coisas novas e conhecer pessoas e em seguida retratar aquilo que viu e imaginou. (CARVALHAL, 2005, p. 121)

A narrativa de viagem é um gênero híbrido, pois congrega aspectos do diário, da ficção e do ensaio e tem o narrador como personagem. (CARVALHAL,2005, p123).Nesse caso, Érico é o protagonista que observa, contrasta elementos culturais, vive e rememora eventos passados. Ele busca, ao descrever o outro, olhar também para si mesmo, para seu povo e sua cultura, tencionando esboçar a sua identidade. (ANANIAS, 2006, p.13)

Assim, nasceu *México: história duma viagem*, publicado em 1957. Misto de relato de viagem e de ensaio sobre a história, a cultura e o caráter mexicano. O enredo do livro é costurado a partir dos deslocamentos que Érico realizou dentro do território mexicano e de seus encontros pessoais e literários com grandes nomes das artes, da filosofia e da historiografia mexicanas. Os doze capítulos do livro apresentam o leitor à história mexicana, a começar pelas manifestações culturais, religiosas e artísticas dos astecas, passando pela conquista espanhola. Por meio dos diálogos travados com José Vasconcelos, o

[2] Suas impressões sobre os Estados Unidos foram reunidas em dois relatos de viagem: *Gato Preto em Neve* e *a Volta do Gato Preto*.

ISBN: 978-85-7205-159-0

leitor é convidado a conhecer os acontecimentos referentes à colonização, à independência, à reforma liberal, ao porfiriato e à revolução mexicana.

Além da História, ele apresenta os espaços urbanos e geográficos, os costumes, o clima, a arquitetura, a gastronomia e as manifestações culturais e artísticas características da região central do México[3]. O leitor visita junto com Érico o teatro, escuta as músicas, observa o artesanato e saboreia as bebidas e os pratos típicos da culinária dessa região. Fica evidente que há um México, cujos dilemas, tradições e ambiguidades mais interessa para Érico: aquele que se concentra na região central. Para ele, essa seria a zona mãos expressiva do México e a que melhor representaria o caráter mexicano. (VERISSIMO, 1978, p.253)

Ele deseja conhecer os locais onde é possível encontrar o típico povo mexicano.Considera que o povo que transita na Cidade do México, ganha corpo, carne e sangue e é extremamente humano, capaz de revelar qualidades e defeitos que são intrínsecos a toda a humanidade.(VERISIMO, 1978, p.650) Esse mesmo povo, que para ambos os autores analisados, se expressa por meio das canções tristes e dramáticas dos mariachis, herdou de sua tradição indígena o silêncio e realiza sua comunhão perfeita nos mercados e nas feiras.

Através da comida apreciada por esse povo de carne e osso, Verissimo destaca os elementos que considera como característicos da alma mexicana: o drama, a explosão, a violência o silêncio e as cores.

> A comida neste país tem uma certa relação com a natureza da terra e o temperamento do povo. Há na alma mexicana algo de pardo e seco. (...) E a sua violência mal contida, que as vezes explode inesperadamente como seus vulcões, não podia deixar de apreciar as comidas fortemente codimentadas. Mas nem tudo no México é drama e silêncio (...). Há cores, canções, danças. E as gentes da *tierra caliente* que sabem rir(...) tudo isso, essa cor, essa nota viva_ aparece também na comida. São os chiles_ encarnados, amarelos, mulatos, verdes_ o vermelhão dos tomates, as flores de *calabaza*, as ervas aromáticas, coisas que alegram, pelo menos na superfície, a parda secura da tortilla e dos outros partos de aspecto árido ou crepuscular. (VERISSIMO, 1978, p.147)

Para Verissimo, terra, povo e comida são elementos que no México estão em perfeita sintonia, pois as cores, os sentidos e as sensações provocadas por esses elementos parecem ser similares. A comida, traço essencial para a análise da cultura do povo, representa o próprio povo. Ambos são coloridos e alegres na superfície, mas aprofundando o olhar e os sentidos, relevam certa aridez contida, extravasada em momentos inesperados. Transportando essas ponderações para o universo desenhado por Paz, as cores são máscaras que o mexicano e a sua comida adotam para escamotear a sua verdadeira natureza. Somente

[3] Ele visita a capital mexicana, além de Puebla, Cholula, Oaxaca, Cuernavaca, Taxco, Guanajuato, Querétaro.

ISBN: 978-85-7205-159-0

o ato de arrancar essas máscaras permitirá que ele comece a viver e a pensar de verdade (PAZ, 2014, p.186).

Para Paz as máscaras são um instrumento de defesa do mexicano, que não pretende se abrir, devassar a sua intimidade diante do outro. Outra forma de resguardá-la seria a dissimulação, que levada ao auge, chega ao mimetismo, por meio do qual o índio se funde com a paisagem que o cerca, pois " Dissimula tanto a sua singularidade humana que acaba por aboli-la; e se torna pedra, aroeria, muro, silêncio: espaço" (PAZ, 2014, p.43). Em vários momentos, Verissimo se refere a esse mimetismo, através do qual o índio se funde com os espaços que o cerca, sem entender ou explanar as razões que explicam esse fenômeno. " Avisto as casas de adobe, cabras, crianças, burros, pequenos povoados miseráveis onde as pessoas, num dramático mimetismo, como que desaparecem na paisagem cuja acobreada secura imitam na pele e nos trajes." (VERISSIMO, 2014, p.149)

Os índios com os quais Verissimo cruza economizam as palavras. No ensaio de Paz, Verissimo encontra caminhos para compreender o silêncio do que tanto o intriga O silêncio, para Paz consiste em mais uma arma que o mexicano mobiliza para se defender das investidas que ele acredita que podem vir a feri-lo (PAZ, 2014, p.31). A desconfiança é fonte para se entender a reserva, que produz o silêncio, mobilizada para proteger o índio de si e de seus opressores. (PAZ, 2014, P.71).O silêncio é uma das a condições que permite ao mexicano adequar a máscara ao seu rosto, omitindo sua intimidade. Tal intimidade, que permanece escondida, se converte no mistério, que para Verissimo é impossivel desvendar, mas que se manifesta em momentos inesperados, como as forças que produzem a erupção dos vulcões e a ocorrência dos terremotos. Para Verissimo, a alma e o ser mexicano, estão encobertos, maspodem aflorar como os fenômenos naturais que caracterizam a geografia mexicana. Tanto para Paz, quanto para Verissimo, a revolução é a oportunidade para a explosão violenta dessa alma antes contida e escondida.

Verissimo considera que o México contemporâneo, exposto nos murais de Orozco, Rivera e Siqueiros e na Cidade Universitária, surgido a partir dos eventos revolucionários de 1910, foi construído a partir da reconciliação da raça mexicana com o seu passado. (VERISSIMO, 2014, p.142). A revolução é por ele apresentada como um evento singular na história mexicana, pois conferiu a esse povo uma sensação de futuro e um objetivo de buscar um México perdido. Na acepção de Paz, a Revolução Mexicana revelou necessidade de os mexicanos recriarem suas instituições, projetarem seu futuro e recriar uma nação fiel a si mesma (PAZ, 2014, p.169), que pudesse olhar para o seu passado, resgatar

ISBN: 978-85-7205-159-0

suas origens e organizar o seu futuro. Um futuro no qual os mexicanos pudessem se despir de suas máscaras e de se reencontrar consigo mesmos.

O Ensaio produzido por Verisimo se converte no capítulo cujo título é *O Mexicano*. O capítulo é fruto da inquietação e perplexidade que ainda permaneciam em Érico, mesmo depois do registro do relato da viagem, diante do enigma do caráter mexicano. Ao iniciá-lo, reconhece que extraiu imprescindíveis contribuições do ensaio de Otávio Paz, o *Labirinto da Solidão*, assim como das obras de Samuel Ramos e Jorge Carrion. Verissimo está ciente da incapacidade de produzir uma palavra definitiva sobre o mexicano, mas acredita que a forma literária por ele adotada, o ajudará a compreender melhor o país que ele conheceu e que nele provocou uma inquietação. Sua ambição com esse livro é mais que produzir um conhecimento original sobre o México, buscar através da literatura, resolver a sua relação pessoal com esse país que classifica como sendo mágico.

A partir desses três textos acima citados, Verissimo disserta brevemente sobre os pontos que ele considera fundamentais para interpretação do caráter e da psicologia do povo mexicano: a religiosidade e a relação contraditória entre o povo, o Estado e a Igreja, a desconfiança do mexicano e sua hesitação para com o estrangeiro, em especial o americano, a cortesia, as características do pelado, a cortesia, a morte, as festas e a sua relação com o tempo. Nesse particular, interessa aqui enfocar os pontos nos quais a contribuição de Otávio Paz foi decisiva para que Verissimo esboçasse seu ensaio: a cortesia, a morte, as festas e a desconfiança. Por fim, a abordagem do tempo permitirá relacionar as impressões de Verissimo às constatações que Vianna Moog desenvolveu a respeito do comportamento mexicano nesse quesito.

Paz percebe o mexicano como aquele que se preserva, mascarando o se rosto e resguardando sua intimidade. Com esse propósito, o mexicano se esquiva, se escamoteia utilizando artifícios de defesa como a cortesia (PAZ, 2014, p.31). Seguindo a mesma lógica de interpretação, Verissimo afirma que conhecemos um México festivo e colorido por meio de suas manifestações culturais (a máscara), pois é esse o México que se apresenta ao olhar alheio. A superfície, no entanto, não altera a cor parda que se encontra quando se aprofunda o olhar (VERISSIMO, 1978, p.261). Essa superfície se apresenta ao mundo exterior através da cortesia, que segundo Verissimo, preserva elementos do cavalheirismo espanhol e é representada pela linguagem gestual e oral polida, educada. No entanto, apesar dessa linguagem aparentar uma possível abertura, ela não passa de um código de boas maneiras que o mestiço absorveu.

ISBN: 978-85-7205-159-0

O mexicano se reserva, cria mascaras e se protege por meio do mecanismo da cortesia porque desconfia do outro, é reticente ao estrangeiro, ao seu semelhante e a si mesmo. Considera perigoso o meio que o rodeia e a sua história,(PAZ 2014, p.32) os seus traumas comprovam que a confiança pode resultar em traição. Segundo Verissimo, a desconfiança consiste em uma herança do elemento índio, que sofreu uma série de humilhações, decepções e violências e ela está particularmente presente nas ações dos habitantes da região central. A desconfiança desse povo o desnorteia. Viajante interessado na compreensão do comportamento do povo que visita, justificou-a por meio das relações sociais estabelecidas pelos mexicanos ao longo de sua história. Mas também ressaltou a constante imprevisibilidade do espaço geográfico onde o mexicano está estabelecido. Ele entende que é difícil confiar, vivendo em um ambiente físico cercado de perigos e violências, como os terremotos e as erupções vulcânicas.(VERISSIMO, 1978, p.265).

O solitário, calado e desconfiado mexicano é um indivíduo apaixonado por festas. Nessas ocasiões de esbanjamento de gastos e energias, o mexicano se abre para o mundo exterior. A contenção que antes lhe dominava dá lugar a uma súbita irrupção de palavras, emoções. O mexicano finalmente se comunica, mas pelo grito, não pelo diálogo. Mas nem sempre se trata de um contato pacífico. Os sentimentos emergem com uma violência impressionante: simplesmente explodem no momento festivo. Os mexicanos bebem, cantam, brigam e por vezes matam uns aos outros(PAZ, 2014, p.50). A violência, o resultado da contenção contínua, é mais uma convidada intempestiva da festa. A festa é a revolta, uma revolução a subversão da ordem instituída, a exposição explosiva da intimidade mexicana antes resguardada. O triste povo mexicano se afoga na festa, que segundo Verissimo é ruidosa, violenta, trepidante, mas nunca alegre de fato(VERISSIMO, 2014,p.267). A alegria é só uma impressão, talvez mais uma máscara.

A relação que o mexicano construiu com a morte também parece singular aos olhos de Verissimo. O homem mexicano carrega consigo a morte, como parte de sua vida e a ostenta como um enfeite. Ela não é uma sombra, mas sim uma iluminação para a vida, por isso ela é convertida em um brinquedo, é constantemente mencionada, lembrada e representada por meio de objetos. Para um povo que convive com a violência, a morte parece sempre uma possibilidade presente. Por isso, ela parece algo mais certo diante de uma cheia de imprevisibilidades. Verissimo busca compreender essa relação através do resgate do conceito de morte para os astecas. Esse povo acreditava que a morte não significava destruição, mas transformação, apenas mais uma fase de um ciclo que não tem fim. Todas essas observações são fruto da apropriação que ele realizou a partir do texto de Otávio Paz. Este considera que morte e vida são faces de

ISBN: 978-85-7205-159-0

uma mesma realidade. O mexicano " freqüenta, escarnece, acaricia, festeja, dorme com ela, ela é um dos seus brinquedos favoritos e seu amor mais permanente" (PAZ, 2014,p.58). O mexicano debocha da vida, nutre por ela indiferença pois é consciente da insignificância da existência humana (PAZ, 2014, p.59). Diante disso, a morte não o assusta mais, pois não há nela nada tão trágico que a vida já não o tenha apresentado.

Percebe-se, portanto, Érico Verissimo amparou seu olhar sobre o mexicano tanto naquilo que leu em Otávio Paz. Ele reconheceu suas restrições e impossibilidades com relação a realizar uma caracterização mais profunda dos valores e da cultura da população de origem indígena. Mas, é preciso reconhecer que a sua curiosidade e seu encantamento diante dessa cultura o estimularam reforçar seus conhecimentos sobre o país, através de leituras de obras históricas e filosóficas e de outros relatos de viagens. Nasceu então, um livro comprometido com a cultura e a história mexicana, dentro das possibilidades de um gênero literário de viagem.Veríssimo, narrador/ viajante preocupado em descrever e em compreender um povo, um país, que o fascina e o inquieta, sabe que não é preciso cumprir seu objetivo para amar aquilo que observa. Sua viagem é, antes de tudo, sentimental.

O México de Vianna Moog em Tóia

Clodomir Vianna Moog nasceu no ano de 1906 na cidade de São Leopoldo. Graduou-se em direito. Funcionário Público, foi transferido para a região norte do país. A partir dessa experiência, desenvolveu um interesse maior a respeito da cultura Brasileira, expressando-o por meio da atividade literária.(CARVALHO, 2011, p.12).[4] Moog defendeu a necessidade de analisar os aspectos internos de uma cultura, como a brasileira, em paralelo a análise de outras formações culturais. Por esse motivo, para ele o ato de viajar nunca fora despretensioso e sim revelador de outras realidades que poderiam oferecer elementos para a compreensão daquela a qual ele pertencia. (CARVALHO, 2011, p.13).

Em 1952 passou a ocupar um cargo de no Conselho Internacional Cultural, representando o Brasil na Comissão de Ação cultural da OEA, organização que tinha como sediada no México. Por conta disso, viveu nesse país por quase 10 anos. (CRESPO, 2014, p.682) A partir das experiências vivenciadas durante esse período, optou por expressar suas impressões desse país através de uma obra literária. Nasceu então, no ano de 1962 o romance *Tóia*, que narra a paixão entre um diplomata brasileiro, Jorge

[4] As obras como o *Rio imita ao Ren*o (1938) e *Bandeirante e Pioneiros* (1954) evidenciam uma preocupação em desvendar aspectos da formação cultural brasileira, o que coloca Moog dentro do conjunto de intelectuais brasileiros no início do século XX que interessados no tema.

ISBN: 978-85-7205-159-0

Costa Miranda de Holanda e uma jovem mestiça mexicana conhecida com Tóia. O cenário para essa história de um improvável amor é a Cidade do México dos anos 1950.

O contexto da trama revelava os costumes e a moral familiar e sexual do mexicano, familiarizado com as relações extraconjugais e com a construção da *Casa Chica.*. Paralelamente, revela-se a posição desigual ocupada pela mulher mexicana no contexto das relações sociais de gênero. A construção de uma *Casa Chica* para abrigar uma amante revelava a projeção social e a varonilidade que o mexicano buscava aparentar. A aparência, segundo Otávio Paz,é uma necessidade para o mexicano, que para salvar o seu verdadeiro ser e para preservá-lo das observações alheias, decide optar por uma imagem. Nesse caso, a imagem está associada a varonilidade, ou ainda segundo Paz, ao ideal de hombridade (PAZ, 2014, p.31), caracterizado pelo caráter defensivo e invulnerável do mexicano. É a partir desse ideal que o mexicano deseja ser reconhecido e para isso utiliza a *Casa Chica* para ocultar seus desejos sexuais e confinar e submeter a mulher mexicana.

Em paralelo a essa discussão a respeito das relações de gênero, Moog deixa entrever, por meio de sua obra, o seu olhar sobre a cultura daquele país:os ressentimentos, a melancolia, a tristeza, os conflitos emocionais, os dramas e idiossincrasias do povo. Não deixa de ser interessante notar que essas questões inquietavam profundamente o protagonista de Moog, o diplomata Holanda.

Ressentido pela ausência de estudos mais contundentes sobre a natureza do mexicano, dentro do círculo de especialistas do Itamarati, do qual ele fazia parte, Holanda resolve produzir uma espécie de livro tese sobre o México e o mexicano. "Nessa obra, ele investigaria as razões e os fatores que converteram o mexicano em um povo triste, misterioso e silencioso." Holanda pensava (...). Acabava de descobrir a grande constante da psique mexicana: a sua tristeza, a sua grande e imensa tristeza. E através dessa tristeza e de sua interpretação é que havia de aparecer o verdadeiro retrato caraterológico do México"(MOOG, 1962, p.7). A tristeza seria o fio condutor dessa obra, que seria em essência muito distante das literaturas de viagem, produzidas pelos "andadores travestidos de sociólogos" (MOOG, 1962,p.143).

Interessante notar a origem do título escolhido por Moog para o livro de Holanda está alicerçado em uma afirmação realizada por Paz em seu ensaio. Holanda, sem mesmo começar a escrever seu livro tese sobre o México, escolhe como título *O Orienta Acaba no México?!*, pois essa associação entre México e Oriental tem como ponto essencial o mistério. Para Paz, os orientais, os chineses, os amarelos

ISBN: 978-85-7205-159-0

também possuem um mistério, assim como o povo mexicano, pois se apresentam diante dos outros como seres indecifráveis.(PAZ, 2014, p.67).

Moog deixa transparecer que para Holanda, os mexicanos compõem uma civilização de características orientais que resiste às necessidades lógicas da civilização ocidental e por isso pode ser considerada misteriosa e indecifrável. (MOOG, 1962, p.28). Assim, para Holanda, tanto mexicanos como orientais estão fora da lógica de do tempo medido por convenções capitalistas, pois o que conta para eles é a lógica da eternidade.(MOOG, 1962, p.99) Os mexicanos não possuem a mesma pressa dos norteamericanos. Para progredir, precisariam se ocidentalizar e esquecer o Oriente. E nisso residia o dilema do México para Holanda: ocidentalizar-se e progredir significava perder seu colorido? Nesse caso, não seria o melhor caminho para o México se diferenciar e aprofundar a sua orientalização?(MOOG, 1962, p.273). Esse conflito no qual o México estaria mergulhado, segundo a análise de Holanda, também é evidenciado por Paz. Ao afirmar que a mexicanidade (características que no caso Holanda classifica como orientais)e a universalidade (que Holanda classifica como ocidentalismo) devoram o mexicano, ele considera que a sua vida é busca de um equilíbrio entre esses extremos (PAZ, 2014, p.159). Os mexicanos são fruto de uma densidade cultural singular dentro do contexto das Américas, pois justamente comportam o encontro de aspectos do Oriente com o Ocidente e da civilização anglo-saxônica com a latina, evidenciando contrastes e aproximações (MOOG, 1962, p.95). Por isso, para Holanda, a beleza de Tóia e o seu mistério representavam o México em sua confluência entre elementos ocidentais e orientais. (MOOG, 1962, p.152)

Tóia consiste em um romance que cumpre as intenções anunciadas *em O Oriente acaba no México*, pois corresponde a um livro/tese sobre o México, sua história, sua organização política e social. (MARSON, 2009, p.102). As falas de Holanda evidenciam sua opinião sobre as características do povo mexicano, sua tristeza e sua presença nos espaços públicos. O descolamento do personagem pela Cidade México e pelas cidades que a cercam, permite a ele fazer considerações sobre a arte mexicana, com destaque para o muralismo e as manifestações pré-colombianas. Assim, como as conversam com Vilaverde, embaixador mexicano são oportunidades para Holanda discutir sobre a histórica, em especial o período do porfiriato e a revolução mexicana, e refletir sobre pensadores e obras sobre esse país. É Vilaverde quem oferece uma bibliografia[5] para que Holanda possa conhecer melhor a realidade que deseja abordar em seu livro

[5] Foram citadosBernal Diaz, Sahagun, Alfonso Reyes, José Vasconcelos, Mariano Azuela, John Reed, Martin Luis Guzmán, Otávio Paz, Silvio Zavalla, Leopoldo Zea, dentre outros)

ISBN: 978-85-7205-159-0

Parece bastante plausível que além do interesse sexual e sentimental que Holanda passou a nutrir por Tóia, a jovem prostituta mexicana de 19 anos, ele também a desejasse ter por perto para examinar seu comportamento, seus pensamentos e ações, de modo a depreender deles conclusões a respeito do ser mexicano no geral e da mulher mexicana em particular. Por vezes, Holanda olhava para Tóia e via nela uma índia intransponível, que não se abria, pois havia nela " uma natural contenção de índia, todas as suas reservas e os seus controles" .(MOOG, 1962, P.161) Tóia representa a mulher mexicana, assinalada por paz como a detentora de uma mistério supremo, a portadora de um enigma (PAZ, 2014, p.68). Tóia também representava toda a sua espécie, nos momentos em que permanecia em silêncio (MOOG, 1962,p.306). O silêncio de Tóia inquietava Holanda, pois assim como ele não sabia o que esperar da amante diante da sua falta de pronunciamento, o silêncio do mexicano pouco o ajudava a conhecer melhor o seu caráter

Em outra oportunidade, Holanda associou Tóia à Malinche (MOOG, 1962, p.62). Malinche é figura de destaque no imaginário mexicano que representa o genero feminino violado. As ações de Malinche possibilitaram que Cortés conhecesse melhor a civilização asteca de modo a dominá-la.Amante de Cortés, ela se entregou a ele, voluntariamente, movida por interesses próprios (amorosos ou não), assim como Tóia se entregava a Holanda. Malinche representa a violação do povo mexicano, encarnando o aberto, o *chingado* (violado) e por conta disso, não foi perdoada pelo povo.(PAZ, 2014,p.85) [6]Em certo sentido, para Holanda, Tóia_ por conta de sua condição de mulher e prostituta_ também era um ser violado. Suas necessidades econômicas e sociais a levavam a se abrir para qualquer homem que desejasse tomá-la.Ela representa para Holanda a perfeita definição que Paz oferece para as prostitutas mexicanas: a oscilação entre um ser desprezível e desejável(PAZ, 2014, p.193)

Apesar de se aproximar dela para entrar em contato com seu universo, Holanda oscila entre a possibilidade de conhecer o México através de Tóia e de fazer Tóia conhecer o México através dele, Holanda. Ao construir a personagem Tóia, Moog incorpora nela elementos considerados característicos e representativos da jornada do povo mexicano. Sua família vivenciava dificuldades econômicas, o que impulsionou Tóia a buscar um futuro melhor em solo norteamericano. Estando lá, ela foi seduzida e abandonada por um típico jovem americano. Ainda jovem Tóia já convivia com as responsabilidades próprias da maternidade e, portanto, teve que interromper seus estudos. Por isso Holanda conclui que sua amante pouco sabia do México formal, ensinado nos bancos escolares e que certamente desconhecia os

[6] Nas palavras de Holanda, a mexicanidade poderia ser representada pelo ódio ao delator e pelo desprezo ao favorecimento ao estrangeiro, reconhecido naquele país como malinchismo. (MOOG, 1962, P.151).

ISBN: 978-85-7205-159-0

grandes nomes da arte de da cultura de seu país. Além do mais, a passagem de Toia pelos Estados Unidos talvez a tivesse transformado de modo que ela não pudesse mais ser um exemplo, ou mesmo uma ouvinte adequada de "um ensaio interpretativo sobre o México e a tristeza mexicana." (MOOG, 1962, p.80).Por vezes, as atitudes de Tóia, sua despreocupação com a moral, com a pontualidade, com o valor do tempo, faziam com que Holanda a considera-se como uma índia, bugra, uma autêntica representante da mulher do povo, que se situava no limiar da barbárie (MOOG, 1962, p.129). Moog desejava demarcar, com essas evidências, a distância entre Tóia e Holanda: ela mulher, ele homem, ela jovem, ele velho, ela com pouca formação, ele diplomata, ela mexicana, ele um homem do mundo.

Holanda então consta que Tóia não é nem triste nem alegre, mas que talvez pudesse ser mais alegre se o meio em que vivia lhe proporcionasse tal condição. Tóia era, talvez, o produto da realidade que a cercava.Nesse ponto da narrativa, Holanda começa a fazer considerações sobre a atuação do ambiente físico na constituição do caráter mexicano. Holanda pondera sobre as possibilidades de a tristeza ter sido gestada a partir da situação geográfica mexicana, marcada pelo planalto, pela altitude e mais do que isso, pelo senso trágico trazido pelos vulcões e terremoto, que poderiam abreviar a vida dos habitantes daquele território. (MOOG, 1962, p.80) " Em suma, tudo concorria para que a terra eriçada de ruinas e de vulcões não oferecesse elementos seguros para o mexicano fazer de sua terra um objeto de culto alegre" (MOOG, 1962, p.85)

A aspereza da terra, os vendedores tristes, elementos descritos por Érico Veríssimo, também começam aparecer no relato de Moog, quando Holanda se movimenta pelos espaços da Cidade do México e posteriormente, quando sai em viagem na companhia de Tóia. Holanda também verifica a veneração dos mexicanos para com cristos extremamente ensangüentados, que deixam claro a intensidade da violência sofrida. Esse fenômeno também foi observado por Érico Veríssimo, após visitar várias cidades da região central do México. Essa questão, foi enfatizada por Otávio Paz, que considerou a veneração a um cristo sangrento como uma identificação do mexicano para com aquele sofrimento (PAZ,2014, p.82). O sofrimento que para Holanda está envolto em um ponto de interrogação sobre o caráter mexicano e faz parte da trajetória histórica desse povo depois da Conquista.

Holanda parece concluir que o sofrimento está atrelado à tristeza e à solidão, constituindo-se em componentes do ser mexicano. Em meio sua busca por entender o silêncio e a tristeza que segundo Holanda são características essenciais do ser mexicano, o protagonista constata que durante sua estada no país não havia conseguido encontrar sequer um amigo. Os mexicanos lhe pareciam extremamente reservados, principalmente quando se tratava de se relacionarem com estrangeiros.(MOOG, 1962, p.23).

ISBN: 978-85-7205-159-0

Nesse ponto, a narrativa de Moog parece se aproximar das ponderações realizadas por Otávio Paz em seu ensaio " O Labirinto da Solidão". Para Paz, os mexicanos se fecham em si mesmos, conscientes dos elementos que os distingue dos demais. Eles evitam a efusão sentimental, e constroem sua reserva perante aos outros a partir da constatação de sua diferença que os leva à solidão(PAZ, 2014, p.21).A reserva, segundo Paz, também se apresenta como resultado de uma desconfiança e de uma dificuldade por parte do mexicano em se abrir e revelar para o outro a sua intimidade(PAZ, 2014,P.31). Sem essa possibilidade de abertura, Holanda se vê apartado dos demais mexicanos, sem conseguir estabelecer com eles uma relação de amizade. Por conta disso, Holanda credita essa desconfiança a um trauma com relação aos momentos de espoliação proporcionado pelos estrangeiros aos mexicanos ao longo de sua história. (MOOG,1962, p.29)

É possível depreender que, influenciado pelas proposições de paz, Moog _ ao dar voz a Holanda_ acredita que o povo mexicano está só em sua tristeza e que solidão em sua alma está acompanhada pela solidão da paisagem, que com seus vulcões e acidentes geográficos geram insegurança que reforça a desconfiança do mexicano. Novamente, Moog retoma Paz em suas considerações sobre o comportamento desconfiado do mexicano. Para Paz o caráter defensivo do México está relacionado com a sua desconfiança, que se explica a partir dos traumas vivenciados pelo mexicano e sua insegurança para com a realidade que o cerca, pois "a dureza e a hostilidade do ambiente- e ameaça, oculta e indefinível, que sempre paira no ar_ nos obriga a fechar-nos para o exterior." (PAZ, 2014, p.32).

Para Holanda, a solidão e o silêncio se rompem no espaço da feira, do mercado, ponto de encontro "a forma única de saírem dos seus desolados desertos interiores". Nesse sentido, reforça a concepção de Paz, segundo a qual o solitário mexicano ama as festas e os encontros públicos, pois nessas oportunidades, o mexicano pode superar a solidão e fazer explodir a sua alma (PAZ, 2014, p.51). Tanto Verisimo quanto Moog acreditam na tese de Paz a respeito da dicotomia entre a contenção regular e explosão esporádica do mexicano.

Ao terminar de escrever seu livro/ tese sobre o México, Holanda o entrega para que Valverde realize uma leitura. Os dois discutem pontos referentes à tese: a educação indígena e sua ocidentalização, o complexo de inferioridade, a necessidade de se libertar da tristeza e realizar uma psicanálise com todo o povo mexicano para tratar de neuroses.

Ao final do livro, Moog fez Holanda concluir que a solução para o seu enigma estava mais próximo do que o protagonista imaginava. Se Holanda desejava de fato conhecer o México, sua psique,

ISBN: 978-85-7205-159-0

seu caráter, todos os elementos que ele precisa estavam ao seu alcance através das observações e que poderia realizar sobre Tóia.É através do mestre Valverde que Moog conta a Holanda que Tóia, a mestiça por quem ele estava apaixonado, era a sua anti-malinche. Ela não existia para entregar o México ao estrangeiro, mas para representá-lo e apresentá-lo_ a quem desejasse resolver o seu enigma_ como um país dividido entre suas características orientais e ocidentais Aos poucos Holanda é levado a refletir sobre as fronteiras entre o seu amor sentia pelo México e aquele que dedicava a Tóia e se ambos os sentimentos não teriam a mesma origem. Se Tóia representava o México, o objeto de obsessão e adoração de Holanda não poderia ser apenas a pessoa de Tóia, mas também o México? E se ao contrário, ao passar anos escrevendo sobre o México e buscando desvendar os seus mistérios, Holanda também não estaria interessado em decifrar Tóia?

Holanda passara anos oscilando sentimentos, desejos e interesses entre Tóia e o México, buscando atingir o coração do mistério de ambos. Talvez, ao final de sua jornada ele poderia ter chegado a mesma conclusão de Érico Verisimo:

> Uma vida só não basta para compreender o México, tocar sequer o coração do seu mistério. Não estou escrevendo sobre esse país porque tenha desvendado o seu segredo, mas sim porque o amo e porque desejo entendê-lo ou pelo menos senti-lo profundamente. Não creio que jamais alguém possa dizer a última palavra sobre o mexicano...(VERISIMO, 1978)

Considerações Finais

As obras de Vianna Moog e Érico Verissimo pertencem a gêneros literários diferentes, mas possuem pontos em comum. Ambas retratam a necessidade de seus autores em digerirem os aspectos mais característicos da cultura mexicana, através da compreensão sobre o ser mexicano. Essa necessidade passa por questões sentimentais, pois os escritores não escondem o amor que parecem ter desenvolvido por aquele país.Mas estão conscientes de que o sentimento não é o caminho mais apropriado para conhecer um povo e uma cultura. É preciso buscar em ensaios, livros e em obras especializadas as referências necessárias para se discutir com mais profundidade os aspectos referentes aos comportamentos sociais e as manifestações culturais do povo mexicano. Por isso, suas obras dialogam com um dos ensaios mais importantes sobre o comportamento do mexicano, o *Labirinto da Solidão*, de Otávio Paz.

BIBLIOGRAFIA

ISBN: 978-85-7205-159-0

ANANIAS, Denise de Castro. Literatura de Viagem: trajetórias e percursos: análise em *A volta do gato negro* e *México* de Érico Verissimo. 2006,96p. Dissertação de Mestrado_ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.

BAGGIO, Kátia Gerab. Magia e paixão: o México sob o olhar de Erico Verissimo. *Projeto História*, São Paulo, n.32, p.79-95, 2006.

CARVALHAL, Tânia. *O próprio e o alheio*. São Leopoldo: Unisinos, 2003.

_____. *México*, de Erico Verissimo: um olhar "latino" no mundo. In: BETTIOL, Maria

Regina Barcelos; FLORES DA CUNHA, Patrícia Lessa; RODRIGUES, Sara Viola.

Erico Verissimo – Muito além do tempo e o vento. Porto Alegre: EDUFRGS, 2005. p.

121-128.

CARVALHO, Enildo de Moura. Na terra de Malzartes e Aleijadinho:Vianna Moog um interprete do Brasil.2011.286 p. Tese de Doutorado_ Universidade do Vale dos Sinos UNISINOS. São Leopoldo, 2011.

_____Estados Unidos: Espelho do Brasil em Érico Verissimo e Vianna Moog. Santa Cruz do Sul:EDUNISC, 2007, 163p.

CRESPO, Aída. O México de Rodrigo Otávio e de Cyro dos Anjos: entre as atribuições do funcionário e o olhar do escritor. Varia História, Belo Horizonte,vol.30, número 54, p.679-704, set/dez 2014.

MARSON, Ana Maria Rodrigues. Vianna Moog ensaísta e ficcionista.: cotejo entre suas concepções e suas práticas narrativas. 2009.p.131. Dissertação de Mestrado_ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

MOOG, Clodomir Vianna. Tóia. Rio de janeiro: Civilização Brasileira,1962.

PAZ, Otávio. O Laberinto da solidão. 1ª. Ed. São Paulo: Casac Naify, 2014.

VERISSIMO, Erico. México. 9ª Ed.Rio de Janeiro: Editora Globo, 1978.